

Análise da Carta Geral das Bandeiras Paulistas e suas deficiências

Lucas da Costa Machado Rios
lucas.machado.rios@usp.br

Jorge Pimentel Cintra
Escola Politécnica da Universidade de São Paulo
jpcintra@usp.br

Resumo:

O mapa elaborado pelo professor e Diretor do Museu Paulista, Affonso d' Escagnolle Taunay, denominado *Ensaio de Carta Geral das Bandeiras Paulistas*, elaborado entre os anos 1921 e 1922, foi a primeira tentativa sistemática de localização do trajeto das bandeiras paulistas entre os séculos XVI e XVIII. A obra marcou o início de um período de estudos sobre o assunto, empreendido por esse pesquisador, sob o estímulo de Capistrano de Abreu, resultando em uma alentada publicação em onze tomos intitulada *História Geral das Bandeiras Paulistas*, depois resumido em dois volumes com o título abreviado de *História das Bandeiras Paulistas*.

No comentário a esse mapa, Taunay salienta as dificuldades encontradas devido à imprecisão das informações, um tanto genéricas para poder fixar geograficamente os locais por onde passaram os sertanistas paulistas no período citado, e por isso não desenhou traçados, rotas ou itinerários, demarcando somente locais ou zonas por onde as expedições teriam passado. Para isso grafa o nome dos chefes das bandeiras e as datas, em uns poucos locais situados na rota. Devido a essa imprecisão, que aumenta pelo tamanho com que se escrevem os nomes, a obra foi bastante criticada na época, muitas vezes sem o conhecimento das dificuldades. Mas o fato é que nenhum crítico ou pesquisador fez uma tentativa de reformulação.

A presente pesquisa objetivou um aspecto específico do mapa: analisar as dificuldades de legibilidade do mapa, devido ao acúmulo de nomes, das bandeiras de todo o período, bem como as imprecisões referentes à localização das mesmas, fazendo sugestões para uma melhor leitura cartográfica, utilizando os recursos da cartografia digital para a região correspondente aos atuais Estados de São Paulo e Paraná.

Palavras-chave:

Bandeiras Paulistas, Itinerários das Bandeiras, Cartografia Digital

Abstract:

The map produced by Professor and Director of the Paulista Museum, Affonso d' Escagnolle Taunay, called the *Ensaio de Carta Geral das Bandeiras Paulistas*, made between 1921 and 1922, was the first systematic attempt to locate the path of the Bandeiras Paulistas between the 16th century and 17th century. The work marked the beginning of a period of studies on the subject, undertaken by this researcher, under the encouragement of Capistrano de Abreu, resulting in a hearty publication in eleven volumes entitled *História Geral das Bandeiras Paulistas*, later summarized in two volumes entitled abbreviated from *História das Bandeiras Paulistas*.

In commenting on this map, Taunay highlights the difficulties encountered due to the inaccuracy of the information, somewhat generic in order to be able to geographically fix the locations through which the Vila de São Paulo sertanistas passed during the period mentioned, and therefore did not draw outlines, routes or itineraries, demarcating only locations or zones where the expeditions would have passed. To do so it names the Bandeiras' heads and dates in a few places along the route. Due to this inaccuracy, which increases with the length of the names, the work was widely

criticized at the time, often without knowledge of the difficulties. But the fact is that no critic or researcher has made an attempt at reformulation.

This research aimed at a specific aspect of the map: to analyze the map readability difficulties, due to the accumulation of names, the Bandeiras of the whole period, as well as the inaccuracies regarding their location, making suggestions for a better cartographic reading, using the resources of digital cartography for the region corresponding to the current states of São Paulo and Paraná.

Palavras-chave:

Bandeiras Paulistas, Bandeiras Itineraries, Digital Cartography

Introdução

Segundo Taunay (1937), um dos motivos pelo qual não fez a representação dos itinerários foi a dificuldade em determinar a localização geográfica correspondente a um determinado topônimo, que pode referir-se a uma região muito ampla. Um exemplo disso ocorreu no debate em torno do itinerário da Entrada de Nicolau Barreto em 1603, que levou estudiosos a proporem trajetos completamente diferentes: sul de Minas e norte do Paraná atuais. E da mesma forma, há diferentes interpretações acerca do topônimo sertão do *Paracatú*, que hoje aponta para uma cidade e um extenso rio, permanecendo, portanto, as incertezas. Assim, Taunay optou por uma identificação de uma ampla área, em que grafou o nome do chefe da expedição com grandes letras, acompanhado da data da expedição.

Outro ponto que leva à dificuldade de leitura é o fato de todas as bandeiras, das diferentes épocas, estarem presentes no mesmo mapa. Para evitar esse acúmulo de nomes, uma opção testada foi a separação por períodos históricos. A opção por expor todas as informações em único mapa causa a sensação de grande volume de entradas realizadas pelos sertanistas, em detrimento da facilidade de analisar as informações apresentadas. A separação por períodos, de aproximadamente 50 em 50 anos, aliado ao uso e planejamento das variáveis visuais (cores, símbolos) permite uma leitura e uma compreensão melhor do fenômeno, como se procura mostrar neste trabalho.

Sabe-se que para determinar a trajetória de uma determinada bandeira, os estudiosos, e entre eles Taunay, serviram-se dos topônimos mencionados nos Inventários e Testamentos dos bandeirantes publicados nos inícios do século XX. Estes se iniciavam com a localização: "Aqui neste sertão do Paracatu...". Em um leilão dos bens do falecido, arrolavam-se o nome dos arrematantes, que participavam, portanto, da mesma expedição. Outros morriam no mesmo percurso, de tal forma que somando-se diversos testamentos, feitos *in articulo mortis*, e os respectivos inventários, pode-se determinar alguns pontos por onde a bandeira passou. E, mediante a hipótese de que as bandeiras posteriores para a mesma região utilizaram as mesmas vias, vão-se compondo os itinerários (PINTO, 1977, p. 9; SILVA, 1949, p. 44).

Outra questão avaliada por Taunay é o grande número de itinerários, cujo desenho resultaria em um emaranhado de linhas, embora esse mapa utilize 3 cores. Parece-nos que os resultados apresentados a seguir, para regiões menores, são satisfatórios, utilizando os recursos da cartografia digital e dividindo em períodos históricos menores (tipicamente 50 anos).

A nossa proposta identificou geograficamente as entradas através de pontos, unidos por linhas, tendo em conta os princípios de deslocamento das bandeiras (gargantas, espigões e outros pontos obrigados), e identificando cada uma

com diferentes variáveis visuais (cores e tipo de traço) discriminados e identificados em uma tabela, a modo de legenda. Por outro lado, contando com o recurso de *layers*, optou-se por separá-las em camadas por períodos históricos de 50 anos, podendo-se juntar duas a duas, compreendendo os séculos XVI, XVII e XVIII. A identificação e marcação com símbolos pontuais também utilizada para demarcar as missões jesuíticas, as vilas espanholas e portuguesas, também foram separadas por época de fundação e devem aparecer nos mapas com data posterior a sua existência.

Análise da Estrutura da Carta Geral das Bandeiras Paulistas

Dentre as dificuldades encontradas para a visualização do mapa Ensaio de Carta Geral das Bandeiras Paulistas pode-se citar aquela inerente à escala do fenômeno, abrangendo todo o país, na escala de 1:5.500.000. O mapa original tinha dimensões maiores que uma folha A0 e sua versão impressa de 1922 tinha dimensões 96 x 101 cm, os quais dificultam sua visualização em meio digital, limitado ao tamanho da tela.

Realizou-se a verificação da projeção utilizada pelos cartógrafos Gregório Colás e José Domingues Santos Filho para desenhar o mapa Carta Geral das Bandeiras Paulistas. Segundo o roteiro elaborado por Gaspar (2005, p. 287-310) para identificação de projeções cartográficas, aquela que mais se aproxima é a Projeção Azimutal Oblíqua Equidistante, pois os Meridianos e Paralelos são curvilíneos, incluindo a Linha do Equador, e o Meridiano Central está dividido em partes iguais (Figura 1).

A reprodução da geometria de um mapa antigo em meio digital possibilita a interação e a incorporação de outros dados que podem contribuir para a análise das informações (hidrografia, orografia e outros). Uma das etapas para introduzir um mapa físico em meio digital é georreferenciamento, o qual foi realizado para o mapa analisado através do software ArcGIS¹, atribuindo para o Meridiano Central o valor 53,18° W. Gr. e para o Paralelo de Origem o valor 19° S. Considerou-se a longitude 0° do Mapa estando localizada no Morro do Castelo, cuja diferença em relação à Greenwich é 43,18° (CINTRA, 2009). Dessa forma, adicionou-se às coordenadas dos meridianos da Carta o valor 43,18°, resultando em um valor do Meridiano Central igual a 53,18° W (10° + 43,18°). A Carta Geral das Bandeiras digitalizada tem 96 dpi e escala 1:5.500.000, resultando em um valor de 1.455 metros por pixel, o que tendo em conta a escala corresponde a 0,26mm. O Erro Médio Quadrático (Root Mean Square – RMS) obtido no georreferenciamento foi 2.416,06 metros, ou seja 0,44 mm.

Em seguida, estudou-se a incerteza da localização gerada pelo tamanho dos nomes grafados sobre o mapa. Além disso, a fonte dos topônimos é variável em tamanho, coisa que se presume estar relacionada com a importância relativa que Taunay concedeu às diferentes entradas. As bandeiras e expedições foram identificadas através de pontos, cujo posicionamento ficou centralizado em função da localização do topônimo no Mapa (Figura 2). Em seguida, elabo-

¹ Versão 10. Da empresa Environmental Systems Research Institute – ESRI.

raram-se sugestões de traçados (feição linear), identificados por um número ou variável visual (cor, tipo de traço, espessura e outros), para evitar a poluição de nomes que ocorre em grande parte das regiões do mapa.

A transposição dessas informações para mapas atuais, permitiu confrontar as informações dessa Carta de Taunay com traçado de rios e acidentes geográficos por onde passaram. Além disso, foi possível analisar o posicionamento das Bandeiras em relação à bibliografia e textos atualmente disponíveis na internet, como por exemplo os existentes no Archivo General de Indias de Sevilha e o Arquivo de Angelis, na Biblioteca nacional.

Classificação e Representação das Bandeiras

A área estudada compreende os atuais Estados de São Paulo e Paraná, onde foram levantados 94 pontos. A Tabela 01 a seguir mostra como foram classificados esses pontos por período e a correspondente quantificação.

Tabela 1 – Bandeiras e Expedições - Classificação

Bandeiras / Expedições Período (ano)	Quantidade	(%)
1500 a 1559	6	6,4
1560 a 1599	11	11,7
1600 a 1624	17	18,1
1625 a 1634	13	13,8
1635 a 1689	22	23,4
1690 a 1729	10	10,6
1730 a 1770	15	16,0
Total	94	100,0

Os pontos foram agregados em sete classes, considerando o período de 50 anos aproximadamente e as relevâncias históricas nesses períodos, os quais motivaram e influenciaram determinadas Bandeiras e Expedições. Na Tabela 01, observa-se um aumento do número de Entradas no século XVII, devido a intensificação da busca por indígenas nos sertões para trabalharem nas fazendas paulistas e para o transporte das mercadorias entre a Vila de São Paulo e as Vilas de Santos e São Vicente, bem como para o tráfico com Salvador, Recife e outras regiões.

A numeração referida a cada Bandeira ou Expedição nas Figuras 3, 4, 5 e 6 tem correspondência com a coluna *Índice* das Tabelas a seguir e de acordo com os períodos anteriormente estabelecidos.

Século XVI – 1500 a 1559 (Tabela 2 e Figura 3)

O período entre os anos 1500 e 1559 está relacionado, fundamentalmente, a uma fase de reconhecimento e ocupação costeira (Figura 03). Identificaram-se no mapa de Taunay 6 Bandeiras, Expedições ou locais de exploração para esse período, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Bandeiras e Expedições – Período 1500 a 1559

Índice	Bandeiras / Expedições	Ano
1	João Ramalho	1522
83	Martim Affonso de Souza	1530
2	Pero Lobo	1532
3	Pero Lopes de Souza	1532
4	Hans Staden	1548
5	Brás Cubas	1559

Comparando-se a Tabela 2 com a Figura 3 percebem-se algumas imprecisões como a localização das entradas de Pero Lobo (índice 3) e Brás Cubas (índice 5).

Na Figura 3 pode-se observar a localização da expedição de Pero Lobo (índice 3) na Bacia do Alto Ribeira. Porém, Cabeza de Vaca (2007, p. 125, p. 228) em comentários sobre a expedição que realizou em 1542 noticia a morte dos integrantes da entrada de Pero Lobo na passagem entre os rios Iguaçu e Paraná. Já a Bandeira de Brás Cubas (índice 5) que está localizada no Baixo Ribeira na Figura 03 estaria melhor posicionada no Alto Ribeira, pois nesse período, segundo Calógeras (1904, p. 25) Brás Cubas estaria aproximadamente nas mediações da atual cidade de Apiaí (SP) em busca de minérios. Essa mesma observação pode ser feita em relação à Bandeira de Luís Martins (índice 9 na Tabela 03 e na Figura 04), pois este percorria o interior do continente sob as ordens de Brás Cubas (MAFFEI; NOGUEIRA, 1966, p. 16-19).

Século XVI – 1560 a 1599 (Tabela 3 e Figura 4)

Na Tabela 03 encontram-se listadas as Bandeiras e Expedições referentes à segunda metade do século XVI. Vale destacar a localização do padre jesuíta José de Anchieta (índices 6 e 7), Jerônimo Leitão (índice 11) e Affonso Sardinha (índice 14).

Os padres Anchieta (índices 6 e 7) e Nóbrega ao perceberem o quão importante era a ocupação e as relações mantidas com os indígenas na região sul, trataram de ocupar a região dos campos de Piratininga, o qual teve boa adesão dos moradores que já viviam na vila de Santo André da Borda do Campo. Assim, a Vila de Piratininga fundada em 1554 seria “a porta do sertão” que permitiria um acesso através do planalto às terras dos carijós (NEME, 1959, p. 158-160).

Jerônimo Leitão (índice 11 e 13) foi governador da Capitania de São Vicente entre os anos 1572 e 1592. A localização de sua Bandeira na Figura 4 (índice 11) no Alto Ribeira se deve a uma entrada realizada em 1585 através de Parana-guá. Esta Bandeira seguiu na direção dos rios Tibagi, Cinzas e Parapanema, percorrendo essa região durante cerca de oito meses e aprisionando grande quantidade de indígenas sob o pretexto da “guerra justa” (FRANCO, 1989, p. 210-211; TAUNAY, 1924, p. 155-156, p. 169-171). Segundo Monteiro (1994, p. 52-56) o objetivo dessa bandeira era o aprisionamento de indígena, pois nesse período havia carência de mão-de-obra escrava devido a epidemias que causaram muitas mortes entre os indígenas.

Tabela 3 – Bandeiras e Expedições – Período 1560 a 1599.

Índice	Bandeiras / Expedições	Ano
6	Pe. Jose de Anchieta	1560
7	Pe. Jose de Anchieta	1560
8	Brás Cubas	1560
9	Luiz Martins	1561
10	Eleodoro Eobanos	1585
11	Jerônimo Leitão	1585
12	Manuel Fernandes Ramos	1590
13	Jerônimo Leitão	1590
14	Affonso Sardinha	1590
92	Affonso Sardinha (o moço) / João do Prado	1590
15	João Pereira de Souza (Botafogo)	1596

As Bandeiras de Affonso Sardinha (índice 14) e seu filho (índice 92) estão localizadas às margens do Rio Grande (figura 04), de acordo com relatos, mas desconsiderando outras possíveis localizações relacionadas à exploração do ouro nas Serras da Mantiqueira, Jaraguá, Guarulhos, Voturuna e Araçoiaba entre os anos 1589 e 1600 (FRANCO, 1989, p. 365; TAUNAY, 1924, p. 172-177).

As primeiras vilas espanholas fundadas na Província do Guairá foram Ontiveros (1554), logo mudada para Cidade Real do Guairá, (1557) que ficava localizada entre os rios Paraná e Piquiri. Em seguida, os espanhóis fundaram Vila Rica do Espírito Santo em 1576 às margens do rio Ivaí e nas proximidades da foz do rio Corumbataí (TAUNAY, 1924, p. 41-43 CHMYZ, 1976, p. 66-77). Pode-se observar na Figura 04 a existência das vilas espanholas e das vilas portuguesas de Piratininga e São Vicente.

Século XVII – 1600 – 1624 (Tabela 4 e Figura 5)

No final do século XVI, D. Francisco de Souza (índice 85, na Tabela 04 e Figura 05) estimulou as entradas aos sertões em busca de metais e pedras preciosas, além do aprisionamento de indígenas, inspirando-se no modelo da América espanhola, no qual a força de trabalho dos indígenas escravizados era a solução para sustentar os setores da mineração e agricultura (MONTEIRO, 1994, p. 58-59).

Isso gerou um aumento do número de bandeiras do início do século XVII. Pode-se verificar esse crescimento no Gráfico 01, em que se percebe um aumento expressivo do número de bandeiras para o período entre os anos 1600 a 1624 (18,09%) quando comparado com os outros dois períodos destacados para o século XVI.

De acordo com as Atas da Câmara da Vila de São Paulo, a Bandeira de Nicolau Barreto (índice 18) se encontrava nas imediações do rio Piquiri em 1603, próximo da Vila de Cidade Real do Guairá, quando este voltava do território paraguaio (TAUNAY, 1924, p. 185-187; ATAS, vol. 2, p. 130). Essa entrada teria partido de Cananéia e subido o rio Ribeira de Iguape e seguido na direção do Paraguai (ELLIS JUNIOR, 1948, p. 60-61).

Relata-se que Manuel Preto era integrante dessa entrada e aprisionou índios Tememinós nas imediações de Vila Rica do Espírito Santo (ATAS, vol. 2, p. 184). Contudo, na *Carta das Bandeiras* essa bandeira está localizada nas proximidades do rio Piquiri (Figura 5).

Gráfico 1 – Bandeiras e Expedições entre os Atuais Estados de São Paulo e Paraná.

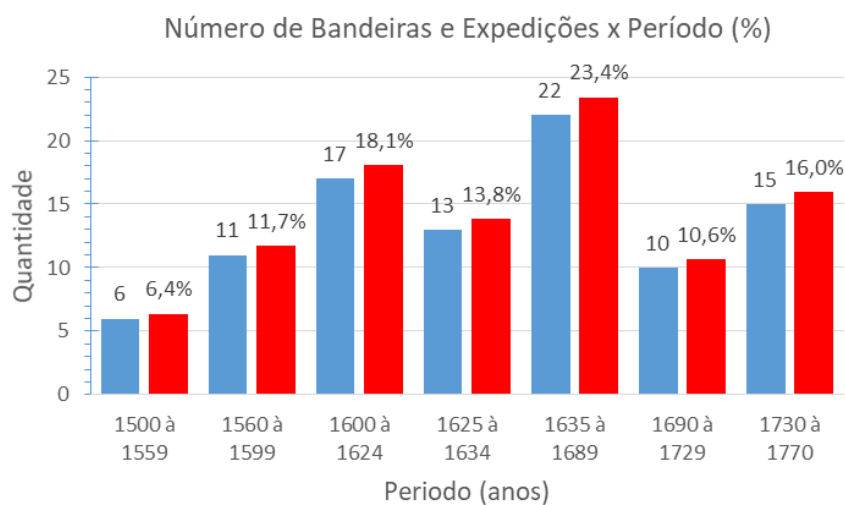


Tabela 4 – Bandeiras e Expedições – Período 1600 a 1624.

Índice	Bandeiras / Expedições	Ano
85	D. Francisco de Souza	1600
90	Jorge Correa	1600
16	Manuel Preto	1600
17	André de Leão	1601
18	Nicolau Barreto (1602 / 1604)	1602
19	Martim Rodrigues Tenório	1607
20	Belchior Carneiro	1608
21	Sebastião Preto	1612
22	Lázaro da Costa	1613
23	Pedro Vaz de Barros	1615
24	Fernão Paes de Barros	1615
84	Fernão Paes Leme	1620
25	André Fernandes	1620
26	Antônio Bicudo	1620
27	Martim de Sá	1620
28	Antônio Castanho da Silva	1622
29	Henrique da Cunha (Gago)	1624

A entrada de Belchior Dias Carneiro (índice 20) está localizada na bacia do rio Tietê (Figura 5), conforme Taunay (1924, p. 188-190). Contudo, há divergências em relação ao posicionamento dessa Bandeira devido à real localização da região conhecida como dos índios Bilreiros. As Atas da Câmara da Vila de São Paulo confirmam a saída de Belchior Dias para o sertão (ATAS, 1915, v. II, p. 235-236) e seu inventário realizado no sertão menciona que este estaria na região dos índios Bilreiros (INVENTÁRIOS, 1920, v. 2, p. 196-197), que segundo Neme (1969, p. 17-21), situa-se no noroeste / norte do Estado de São Paulo e Sul de Goiás.

Em 1554, três padres jesuítas foram enviados para entrar em contato com os índios conhecidos como Ibirajaras ou Bilreiros, dentre estes estavam os padres Pero Corrêa e João de Souza. Eles entraram por Cananéia e posteriormente seguiram o caminho dos espanhóis. Estes índios despertaram maior interesse dos padres jesuítas por serem mais aptos à catequese, por não praticarem a antropofagia, o poligamismo e serem de convivência mais amigável. O contato possibilitaria o acesso ao Rio da Prata através das terras dos Carijós ou Guaranis (ANCHIETA, 1933, p. 74-84).

Taunay (1925, p. 29) comenta que Vila Rica do Espírito Santo foi fundada em terra dos Ibirajaras. Seguindo a indicação do próprio Taunay e das cartas do padre Anchieta, conclui-se que há a possibilidade da Bandeira de Belchior Dias Carneiro ter seguido a direção do Guairá no Sertão dos Bilreiros, entre os rios Piquiri e Ivaí, proximidades de Villa Rica (ELLIS JUNIOR, 1948, p. 88-93), o que contrasta com a localização desses índios proposta por Neme (1969, p. 17-21) e Taunay (1925, p. 188-190).

A criação das Reduções Jesuíticas de Nossa Senhora do Loreto (índice d, na tabela 5) e Santo Ignácio em 1610 (índice a, na tabela 5) provocou um aumento do número de Bandeiras de aprisionamento na região entre os anos 1610 e 1624, pois havia um maior número de índios catequizados entre os rios Piquiri, Ivaí e Paranapanema, sendo estes mais cobiçados por estarem mais integrados à civilização (TAUNAY, 1924, p. 325-326; CORTESÃO, 1951, p. 209-221).

Em 1611, Pedro Vaz de Barros (índice 23) encontrava-se aprisionando índios na região de Paranambú, nas imediações de Cidade Real do Guairá e do rio Piquiri. Essa Bandeira contou com apoio de índios guairenhos, cujos caciques haviam se aliado aos paulistas (TAUNAY, 1924, p. 234). A descrição está em acordo com a localização dessa Bandeira na Figura 5.

Já em 1612, Sebastião Preto (índice 21) comandou outro ataque também nas proximidades de Cidade Real, aprisionando cerca de 600 índios (TAUNAY, 1924, p. 237-238; ELLIS JUNIOR, 1948, p. 110; MAGALHÃES, 1978, p. 95). Apesar da imprecisão dos relatos acerca dessa Bandeira, o posicionamento da mesma nas proximidades do rio Ivaí (Figura 5) está bem distante dos arredores de Cidade Real do Guairá, que se encontrava às margens do rio Piquiri.

Século XVII – 1625 a 1634 (Tabela 5, Tabela 6 e Figura 6)

O período entre os anos 1625 e 1634 foi marcado pela fundação de várias reduções jesuíticas na Província Guaire-nha. A partir de 1624 os jesuítas fundaram as reduções localizadas no 2º Planalto paranaense (contando do mar para o interior?), ocupando áreas que estavam às margens do rio Tibagi. Surgem nesse período as reduções de São Francisco Xavier (1624), São José (1625) e Nossa Senhora da Encarnação (1625), as quais estavam próximas às áreas em que se cultivava a erva-mate.

Pouco depois, os jesuítas reuniram as tribos próximas aos rios Ivaí e Piquiri e fundaram reduções nas proximidades de Vila Rica. Muitos índios da região abrigaram-se nas recém-criadas reduções, aproveitando a possibilidade de proteção jesuítica contra as práticas de escravidão dos moradores das vilas espanholas. Assim, surgem as reduções de São Paulo do Iniaí (1627), São Miguel (1627), Sete Arcanjos (1627), São Pedro (1627), Santo Antônio (1627), Nossa Senhora de Guanhanhos (1628), Nossa Senhora de Copacabana (1628), São Tomé (1628) e Jesus Maria (1628). Essas reduções estavam localizadas às margens de algum rio e próximas de áreas favoráveis à agricultura (CORTESÃO, 1951, p. 209-235; CHMYZ, 1976, p. 76-89; LUÍS, 1980, p. 293-294).

Tabela 5 – Reduções Espanholas

Índice	Reduções Espanholas	Fundação
a	Santo Ignácio Mini	1610
b	São Paulo do Iniaí	1627
c	São Francisco Xavier	1624
d	Nossa Senhora do Loreto	1610
e	Nossa Senhora da Encarnação	1625
f	São José	1625
g	São Miguel	1627
h	Santo Antônio	1627
i	São Tomé	1628
j	Jesus Maria	1628
l	Santa Maria	1626
m	São Pedro	1627
n	Conceição de Nossa Senhora de Guanhanhos	1627
o	Sete Arcanjos de Taiaobá	1626
p	Ermida de Nossa Senhora de Copacabana	1628

A fundação de reduções relativamente próximas entre si atraiu o interesse dos paulistas que organizaram Bandeiras para aprisionar os índios dessas reduções jesuítas (Figura 6).

Dentre essas, menciona-se em primeiro lugar a Bandeira comandada por Manuel Preto e Raposo Tavares (índice 30), que partiu da Vila de São Paulo em 1628 para aprisionar índios da região guairenha e contava com grande contingente. Essa Bandeira estava dividida em quatro companhias, comandadas por Manuel Preto, Raposo Tavares, Pedro Vaz de

Tabela 6 – Bandeiras e Expedições – Período 1625 a 1634.

Índice	Bandeiras / Expedições	Ano
30	Manuel Preto / Antônio Raposo Tavares	1628
31	Antônio Bicudo Mendonça / Manuel Mourato	1628
32	Simão Álvares / Salvador Pires / Brás Leme	1628
33	João Pedroso Moraes	1628
34	D. Luís de Cespedes Xeria	1628
35	D. Luís de Cespedes Xeria	1628
36	Mateus Luiz Grou	1629
37	André Fernandes	1630
38	Pedro G. Varejão / Álvaro Neto / Álvaro Rebelo	1630
39	Paulo do Amaral	1631
40	Christovão Diniz	1631
41	Antônio Raposo Tavares	1631
42	Antônio Raposo Tavares	1633

Barros e Brás Leme. Eles seguiram pelo planalto, em São Paulo e no Paraná, até cruzarem o rio Tibagi na altura de suas cabeceiras e em seguida se direcionaram para a região dos Campos de Iguaçu, onde construíram uma paliçada para aprisionar os índios à medida em que fossem sendo capturados (TAUNAY, 1925, p. 74-79).

Segundo Ellis Júnior (1948, p. 128-131) e Magalhães (1978, p.100) a bandeira Matheus Grou (índice 36) fazia parte do sistema de companhias comandadas por Manuel Preto e Raposo Tavares. Com itinerário diferente do das demais Bandeiras, os integrantes da bandeira de Matheus Grou partiram de Iguape e subiram a Serra do Mar através da bacia do rio Ribeira de Iguape até alcançarem o sertão de Ibiaguira, nas cabeceiras do Ribeira (INVENTÁRIOS, 1920, vol. 7, p. 431). A localização dessa Bandeira encontra-se deslocada na Figura 06 em relação ao posicionamento descrito anteriormente, pois a mesma deveria estar localizada no alto Ribeira e está posicionada na bacia hidrográfica litorânea.

Após 4 meses aprisionando índios *bravos* da região, o ataque às reduções jesuíticas iniciou-se em Santo Antônio (índice h, Figura 6) sob o comando de Simão Álvares (índice 32) (TAUNAY, 1925, p. 81-82). Percebe-se que a localização da Bandeira de Simão Álvares está bastante deslocada da região próxima a Redução de Santo Antônio. Os ataques seguintes foram em São Miguel (índice g, Figura 6) e Jesus Maria (índice j, Figura 6), comandados respectivamente por Antônio Bicudo (índice 31) e Manuel Moura (índice 31) (TAUNAY, 1925, p. 83-88). A mesma imprecisão observada anteriormente verifica-se em relação à Bandeira de Antônio Bicudo e Manuel Moura, pois suas localizações na Carta diferem em relação às proximidades das reduções atacadas sob o comando destes (Figura 6).

Parte da imprecisão pode dever-se a uma decisão cartográfica: na impossibilidade de representar duas em espaço próximo (escrever nomes longos que se superporiam), desloca-se uma delas da posição mais plausível e, portanto, transmite-se uma impressão errônea. De qualquer forma, ficam ainda mais patentes os problemas de representar toda informação em um só mapa.

Entre os anos 1631 e 1633 ocorreu a segunda fase da invasão à Província do Guairá com ataques às reduções res-

tantes e às vilas espanholas através das bandeiras comandas por Raposo Tavares, Christovão Diniz (índice 40), Paulo do Amaral (índice 39) e Pedro Gonçalves Varejão (índice 38), identificadas na Figura 6 (TAUNAY, 1925, p. 92, p. 126-129, p. 147).

Tendo em vista também a localização das bandeiras que participaram do primeiro ataque à Província do Guaíra, traçou-se uma possível trajetória de deslocamento dessas (Figura 6). Excluem-se, dentre as bandeiras da segunda fase, a Bandeira de João Pedroso de Moraes (índice 33) devido à imprecisão, ainda maior que as outras, de sua localização no levantamento bibliográfico.

Esses ataques provocaram a retirada de cerca de 12.000 índios que estavam concentrados nas reduções de Nossa Senhora do Loreto (índice d) e Santo Ignácio Mini (índice a) para a região dos Tapes (próxima aos rios Paraná e Uruguai) através do rio Paraná, conduzidos pelo padre Montoya. Já os colonos espanhóis cruzaram o rio Paraná e fundaram outras vilas na região paraguaia (LUÍS, 1980, p. 328-333; MONTOYA, 1985, p. 134-140).

Conclusões

O resultado permitiu confirmar as imprecisões apontadas por Taunay, algumas falhas na confecção desse mapa, e também determinar pontos adicionais através do uso de recursos extras recorrendo aos textos (consultados e citados acima); à análise da orografia, hidrografia e outros, melhorando a determinação de itinerários para um novo ensaio de carta, cuidando melhor os aspectos cartográficos.

Entre as melhorias da legibilidade está a representação de um espaço geográfico menor (atuais Estados de São Paulo e Paraná), ampliando a divisão temporal, por épocas e contando com o acesso a recursos da cartografia digital, não disponíveis na época de Taunay. Dentre esses, há a possibilidade de ampliação da escala, concomitante à análise de demais informações que o Sistema de Informações Geográficas (SIG) permite.

Como produto final, dispõe-se de mapas diversos com a localização das Bandeiras para os séculos XVI, XVII e XVIII, onde se apontam algumas divergências com a carta de Taunay e algumas tentativas de determinação dos antigos caminhos de índios (Peabiru). Além disso, o trabalho contribui para o aprofundamento das pesquisas relacionadas à elaboração dos itinerários das entradas e bandeiras paulistas e da metodologia para a determinação desses itinerários.



Figura 01 – TAUNAY, Afonso D'Escragnolle (org.). Ensaio de Carta Geral das Bandeiras Paulistas: Séculos XVI – XVII – XVIII. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1922, 1 mapa, color, 96 x 101 cm, 9078 x 8482 pixels, 24,9 MB, jpg. Escala 1:5.500.000.



Figura 02 – Trecho da Carta Geral das Bandeiras Paulistas complementado com indicações pontuais das bandeiras e expedições, entre os atuais Estados de São Paulo e Santa Catarina. Escala 1:6.500.000.

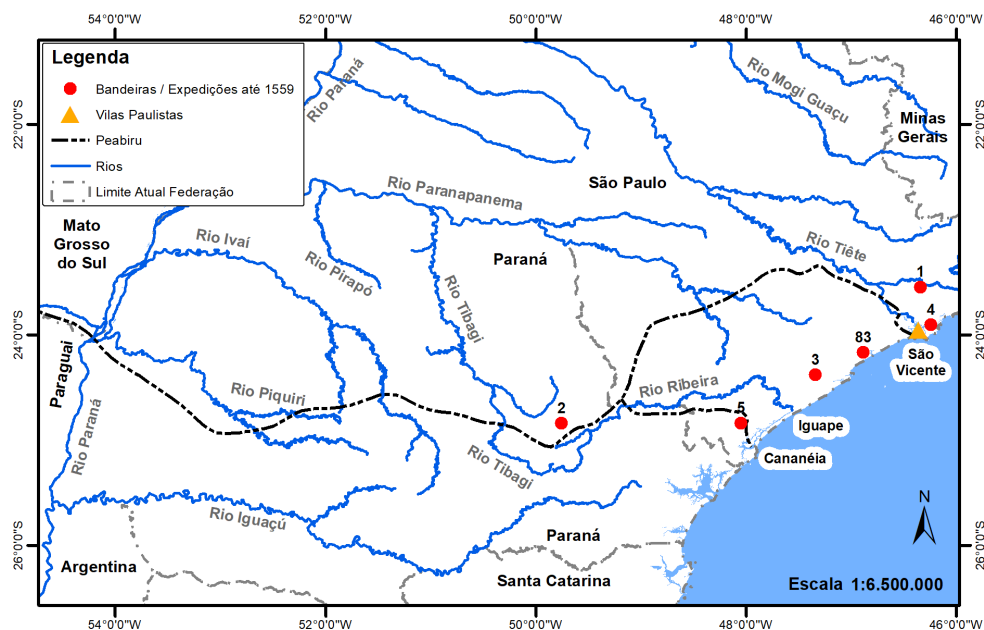


Figura 03 – Bandeiras e Expedições – Período 1500 a 1559. Reconstituição feita na presente pesquisa. Escala 1:6.500.000. Coordenadas Geográficas. Datum horizontal: SIRGAS 2000².

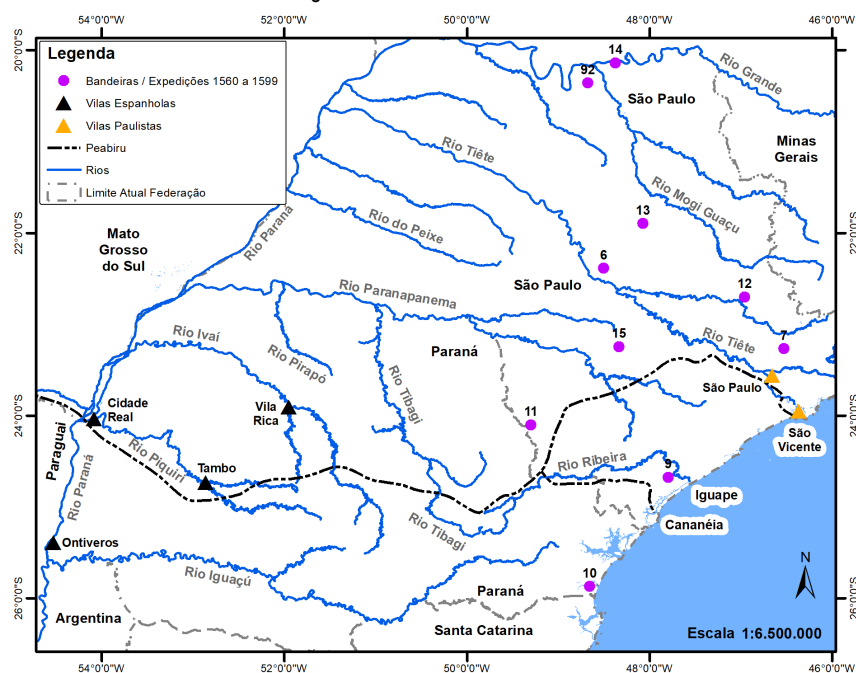


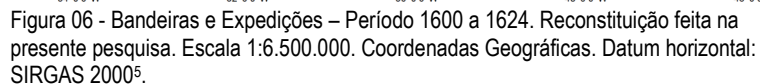
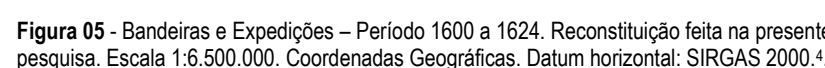
Figura 04 – Bandeiras e Expedições – Período 1560 a 1599. Reconstituição feita na presente pesquisa. Escala 1:6.500.000. Coordenadas Geográficas. Datum horizontal: SIRGAS 2000³.

² Fonte da Base Cartográfica: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

A localização das Bandeiras foi extraída da Carta Geral das Bandeiras Paulistas. O traçado do Peabiru está de acordo com o mapa Esboço do Itinerário de Ulrich Schmidl elaborado por Maack (2012).

³ Fonte da Base Cartográfica: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

A localização das Bandeiras foi extraída da Carta Geral das Bandeiras Paulistas. Os posicionamentos das vilas espanholas estão segundo CHMYZ (1976). O traçado do Peabiru está de acordo com o mapa Esboço do Itinerário de Ulrich Schmidl elaborado por Maack (2012).



A localização das Bandeiras foi extraída da Carta Geral das Bandeiras Paulistas. Os posicionamentos das vilas espanholas e reduções jesuíticas estão segundo CHMYZ (1976). O traçado do Peabiru está de acordo com o mapa Esboço do Itinerário de Ulrich Schmidl elaborado por Maack (2012).

Referências Bibliográficas

- ACTAS da Câmara da Villa de São Paulo. São Paulo: 1596 – 1622. Publicação Oficial do Arquivo Municipal de São Paulo, v. 2, São Paulo, 1915.
- CABEZA DE VACA, Álvaro Nunes. Naufrágios & Comentários. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- CALÓGERAS, João Pandiá. As Minas do Brasil e sua Legislação. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904.
- CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e bandeirantes no Guairá*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.
- GASPAR, Joaquim Alves. Cartas e Projeções Cartográficas. Lisboa: Lidel, 2005.
- CHMYZ, Igor. Arqueologia e história da Vila Espanhola de Ciudad Real do Guairá. *Cadernos de Arqueologia*, Paraná, no. 1, p.7-103, 1976.
- CINTRA, Jorge Pimentel. O Mapa das Cortes: Perspectivas Cartográficas. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 63-77, jul.-dez., 2009.
- ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Meio século de bandeirismo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.
- FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- INVENTÁRIOS e Testamentos. Publicação Oficial do Arquivo do Estado de São Paulo: Tipografia Piratininga, São Paulo, v. 2, 1920.
- INVENTÁRIOS e Testamentos. Publicação Oficial do Arquivo do Estado de São Paulo: Tipografia Piratininga, São Paulo, v. 7, 1920.
- LUÍS, Washington. *Na capitania de São Vicente*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- MAACK, Reinhard. *Geografia física do Estado do Paraná*. Ponta Grossa: UEPG, 2012.
- MAFFEI, Lucy de Abreu; NOGUEIRA, Arlinda Rocha. O Ouro na Capitania de São Vicente nos Séculos XVI e XVII. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, tomo XX, p.9-135, 1966.
- MAGALHÃES, Basílio de. *Expansão geográfica do Brasil colonial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- MONTERIO, J. M. Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MONTOYA, Antônio Ruiz de. Conquista Espiritual Feita pelos Religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.
- NEME, Mário. Notas de Revisão da História de São Paulo: século XVI. São Paulo: Editora Anhambi, 1959.
- NEME, Mário. Dois Antigos Caminhos de Sertanistas de São Paulo. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, tomo XXIII, p. 7-100, 1969.
- PINTO, Adolfo Augusto. História da Viação Pública de São Paulo. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1977.
- SILVA, Moacir Malheiros Fernandes. Geografia dos Transportes no Brasil. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1949.

TAUNAY, Affonso de Escagnolle. Ensaio de Carta Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1937.

_____. *História geral das bandeiras paulistas*. São Paulo: Typ. Ideal H. L. Canton, v.1, 1924.

_____. *História geral das bandeiras paulistas*. São Paulo: Typ. Ideal H. L. Canton, v.2, 1925.